

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JT

CLASS. : garimpos/Yanom

DATA : 10/05/89

PG. : 15 894

Ambiente

Fernando César Mesquita entra no espaço aéreo da Venezuela e é perseguido por helicópteros militares

Super-Mesquita contra a guarda venezuelana

O boato de que o governo brasileiro tinha concordado que a Guarda Nacional da Venezuela retirasse "de qualquer jeito, matando se fosse preciso", os 3 mil garimpeiros que há um ano ocuparam as nascentes do rio Orinoco, levou o presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, Fernando César Mesquita, a cometer uma precipitação diplomática. Na segunda-feira à tarde, ele entrou no território venezuelano, atravessando a fronteira por Roraima para conhecer os garimpos da região. Mas foi barrado no ar. A aproximação de um helicóptero militar venezuelano o fez recuar para o espaço aéreo brasileiro. O assunto foi discutido ontem, no Palácio do Planalto, numa reunião do presidente Sarney com os ministros Ivan Mendes, Leônidas Pires, Abreu Sodré, Oscar Dias Corrêa, Bayma Denis, Moreira Lima e João Alves.

A notícia de que o governo Sarney concordava com a medida corria de boca em boca no garimpo do Paapiú, em pleno território Yanomami, a 230 quilômetros de Boa Vista (Roraima), onde Mesquita se encontrava e o incentivou a conhecer a situação dos garimpeiros. Acompanhado pelo fundador da União dos Sindicatos de Garimpeiros da Amazônia Legal, José Altino Machado, o presidente do Instituto do Meio Ambiente embarcou num helicóptero Hülges 500-Delta para conhecer. Mas só conseguiu viajar os 13 minutos que separam um garimpo do outro e fazer um pequeno sobrevôo no local.

Quando se aproximava da "Constituinte" (uma pista de pouso situada grupamento em meio a um de brasileiros), o helicóptero



Mesquita, pivô de um incidente diplomático.

de Mesquita foi perseguido por dois aparelhos da Força Aérea venezuelana equipados com metralhadoras e pequenos mísseis. Segundo os garimpeiros, ele escapou de ser ferido, ou até mesmo morrer, já que a ordem dada aos militares é de que nenhum avião brasileiro pode entrar na área, sob pena de ser abatido. "Parecia um episódio da série 'Águia de Fogo', comentou Mesquita, bem-humorado.

Os garimpeiros brasileiros chegaram na região, cerca de 20 quilômetros da fronteira, há um ano. E improvisaram uma pequena cidade: galpões, cantina e cabaré. Foi ali, para deter o processo de poluição por mercúrio de um símbolo nacional, o rio Orinoco, que a Guarda Nacional finçou domingo uma bandeira venezuelana. E deu o prazo até segunda-feira, às 18 horas, para que todos saíssem de lá.

Missão diplomática

Uma missão diplomática brasileira embarca hoje para Caracas, capital da Venezuela, para negociar uma solução para o caso. A operacionalização da missão foi discutida ontem no Palácio do Planalto, em reunião de quase duas horas, com Sarney e os ministros do Exército, da Aeronáutica, do SNI, do Gabinete Militar, do Interior, da Justiça, e das Relações Exteriores. Decidiu-se que a missão governamental brasileira examinará, especialmente, as medidas de caráter assistencial e de proteção consular aos brasileiros em situação irregular.

O incidente, entretanto, serviu para Mesquita constatar que vários garimpos estão atuando em reservas ecológicas. "Vou mandar a Marinha explodir essas dragas", disse, referindo-se à grande quantidade delas que são usadas na extração do ouro.

A fuga da Venezuela, uma história com muitos dramas.

Ainda há dois mil garimpeiros na região e eles só têm uma saída: embrenhar-se na selva.

A estática do rádio picota os lamentos, mas fica claro que, do outro lado, perdida num lugar qualquer da fronteira entre Brasil e Venezuela, Maria está chorando. Ela, que se comunica pelo rádio com o povoado Paapiú, é apenas um dos muitos brasileiros que estão fugindo das Forças Armadas da Venezuela, que, atendendo recomendação do governo, está expulsando mais de 3 mil garimpeiros que há vários meses vêm garimpando ouro na nascente do Rio Orinoco.

O drama de Maria é talvez o maior de todos. Grávida praticamente abandonada no momento da fuga, ela foi apanhada de surpresa pela presença dos helicópteros venezuelanos e nem sequer se pôs a correr. A barriga não deixava. E momentos antes de expirar o prazo dado pelas autoridades venezuelanas para que os brasileiros deixassem a área, Maria Silvana de Andrade, cozinheira do garimpo, com marido, enfiado na floresta, deu à luz uma menina que ainda não tem nome. E talvez, nem futuro, pois dificilmente chegará a Boa Vista com vida, se tiver que enfrentar, no colo da mãe, 17 dias ou mais de picadas abertas a facão, frias noites ao relento, exposta aos animais, insetos e aos índios yanomamis, que estão alvorçados com tanta confusão e pintados para a guerra, segundo os garimpeiros.

A pista da Constituinte, a principal numa região onde a fronteira não está muito bem definida, era o centro de maior movimento

de todos os garimpeiros que trabalhavam na área. Um dia, alguém viu o Orinoco — uma espécie de Ganges para os venezuelanos — com as águas amareladas e a denúncia chegou às autoridades do meio ambiente daquele país. Os técnicos subiram o rio à procura do agente poluidor e acabaram chegando à nascente, no divisor de águas entre Venezuela e Brasil, na Serra do Parima, e deram com os garimpeiros tirando o ouro e jogando a argila, elemento causador da alteração da cor das águas.

O problema foi comunicado ao governo brasileiro e a resposta, contida num telex afixado no acampamento da Guarda Nacional, define a posição do presidente José Sarney: que a Venezuela faça com os brasileiros o que bem entender, pois o Brasil desconhece o assunto oficialmente. Essa posição, transmitida pelo comandante das tropas venezuelanas no local, general Veras, provocou uma grande revolta nos brasileiros que chegaram ao Paapiú na tarde de segunda-feira, fugindo nos últimos vôos de helicópteros autorizados pelos militares venezuelanos. "Graças a Deus estou de volta ao Brasil. Aquilo lá virou um inferno", bradava a cozinheira Maria Nunes, que há três meses aceitou o emprego para trabalhar num barracão, ganhando 50 gramas de ouro mensais (cerca de NCZ\$ 1.350,00) para cozinhar para um grupo de 20 homens. Assim como Maria, outros brasileiros que desembarcavam no Paapiú, um posto indígena que serve de base

para aviões e helicópteros, distante 50 quilômetros da fronteira, mais pareciam estar fugindo de uma guerra. Ao pisar o solo, o primeiro suspiro era de alívio, embora o prejuízo sejam muito grandes conforme contabiliza Júlia Mascarenhas, mulher de Tércio, dono da metade da pista construída por Francisco Veloso:

— Mais de 600 pares de máquinas foram levados para aquela área, empregando mais de 3 mil pessoas diretamente nos garimpos. O prejuízo total — maquinários, equipamentos, mantimentos, combustíveis e outros utensílios — vale passar de 15 milhões de dólares — estima Júlia, ainda chorando a ausência do marido, que fugiu da Guarda Nacional levando apenas rádio e um pouco de comida. "Acho que ele esqueceu a antena adianta Júlia, pois se estivesse com ela já teria instalado o aparelho para fazer contato". Enxugando as lágrimas, ela conta que o casal perdeu mais de NCZ\$ 500 mil: "A gente tinha sete pares de máquinas, todos novos, que só agora iam começar a produzir".

Calcula-se que ainda existam cerca de dois mil garimpeiros na região, sem meios de retornar ao Brasil. Eles reclamaram que o prazo dado pelo governo venezuelano é insuficiente para desmontar e transportar seus equipamentos, mas as autoridades foram intransigentes. E aos garimpeiros só restou agora embrenhar-se em uma região de selva totalmente desconhecida.

Plínio Vicente da Silva/AE